



RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA TRADUTORA INTERPRETE DE LIBRAS DE UMA ALUNA COM SURDEZ NO CURSO NORMAL MÉDIO

Mara Silvana Silva de Souza MORAIS *

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de descrever a minha experiência enquanto professora tradutora interprete de libras de uma aluna com surdez no curso Normal Médio em uma Instituição de ensino Estadual. Sendo que a aluna com surdez já era pedagoga formada em um curso de graduação, percebe-se que ela não foi incluída no processo de aprendizagem. Após os desafios enfrentados para que a aluna enfim se formasse e alcançasse o seu objetivo de ingressar na vida docente, conclui-se que para isso ela desafiou durante toda a sua formação um sistema que não estava preparado para sua especificidade. Atualmente, atua como professora de apoio de uma aluna com surdez, matriculada no primeiro ano do ensino fundamental no ensino regular, onde eu sou a professora titular da turma. Mesmo a aluna e professora de apoio com surdez estando em sala, ainda é visível as dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam para exercerem seus direitos. Diante das várias barreiras impostas pela cultura excludente que o sistema regular de ensino está inserido, essa experiência me levou a refletir sobre as práticas docentes que podem possibilitar a inclusão, para isso, é fundamental investimentos na formação docente e na estrutura escolar, visando potencializar a escolarização dos alunos com surdez nas salas comuns.

Palavras-chave: Professor de apoio. Formação de professores. Inclusão.

1 Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de relatar minha experiência, enquanto professora tradutora e intérprete de libras de uma aluna com surdez, no curso normal médio em uma cidade no interior do Mato Grosso do Sul.

Para iniciar esse relato, pretendo discorrer sobre o início da minha jornada docente. Concluí a graduação no ano de 2009, no Curso Normal Superior - habilitação em magistério na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, tenho

* Professora da Educação Básica; marabitencourte@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1429954426760469>



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Fiama - e Educação Especial pelo Instituto Rhema.

Iniciei a vida docente em uma sala de recursos multifuncional, em uma escola da Rede Municipal de ensino, tendo a oportunidade de aprimorar minha formação na área da educação especial com os cursos oferecidos pela secretaria municipal de educação.

Nesse interim, atuei como professora de apoio de uma aluna com deficiência auditiva no contra turno, o que despertou em mim o interesse em aperfeiçoar os conhecimentos enquanto professora da educação especial.

O primeiro contato que tive com a Língua Brasileira de Sinais – Libras, foi em um curso básico oferecido pela secretaria Municipal de educação, porém, por perceber minha habilidade com a língua de sinais, fui em busca de aprimoramento.

Nesse sentido, em busca de formação na área, fiz um curso de capacitação no CAS – Centro de capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez, o curso foi de 2013 a 2015, em Campo Grande a 350 km da minha cidade.

Após a formação, pela falta de profissionais habilitados na área, no ano de 2017 fui convidada para ser professora tradutora interprete de uma aluna com surdez que estava matriculada no Curso Normal Médio em uma Rede de ensino estadual pública.

Mesmo me sentindo desafiada, pelo fato da minha formação não ser para interprete de um curso para formar professores, e sim de alunos matriculados nas séries iniciais e finais do ensino fundamental, me propus a realizar o trabalho pela necessidade de complementar a renda familiar.

A aluna com surdez já era formada em pedagogia em uma faculdade do município, e ingressou no Curso Normal Médio, para estar sanando uma lacuna que ocorreu dentro do seu estágio supervisionado no curso de Pedagogia. Segundo a aluna, ela não se sentia preparada para a docência com o curso de licenciatura que já havia concluído.

Percebe-se, segundo os relatos da aluna que, o curso de licenciatura em Pedagogia que a formou, não teve em seu bojo a inclusão escolar, mesmo frequentando durante três anos, a aluna não teve recursos acessíveis de acordo





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

com a sua deficiência, como por exemplo: interprete, tecnologia assistiva e um currículo que incluísse a aluna, pensando o seu aprendizado junto aos seus pares.

Durante o ano letivo de 2017, enquanto professora tradutora da aluna com surdez no curso do Normal Médio tive experiências significativas, vivenciando junto com as professoras do curso os desafios enfrentados por alunos e docentes no processo da inclusão no ensino regular, nesse viés percebi a necessidade do curso de libras na formação de professores.

A aluna ingressou no curso Normal Médio com 35 anos e mesmo já sendo pedagoga, a aluna procurou o curso com a perspectiva de realmente se sentir apta a ser uma educadora.

Ao ingressar no referido curso, a aluna estava motivada pelo grande desejo de ter uma vida diferente daquela que estava acostumada, por ser surda em uma cultura ouvinte. Entretanto, a linguagem acadêmica não era acessível ao seu conhecimento e a formação dos docentes, provavelmente não foi pensada para a inclusão escolar.

Diante do desafio da instituição em atender a aluna durante as aulas, eu fui contratada como professora tradutora para ser interprete de libras e acompanha-la durante todas as suas atividades. Sobre isso a legislação, a partir do decreto nº 5.626/05, assegura a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva no ensino regular, através da lei nº 10.436/02 a língua de sinais brasileira passou a ser reconhecida como segunda língua no Brasil.

Nesse contexto, observa-se que o desafio de incluir a aluna chegou antes dos professores estarem preparados para tal. Na minha visão, enquanto professora interprete, toda a metodologia desenvolvida no curso foi planejada para os alunos ouvintes, por muitas vezes, percebi o receio por parte dos professores em se relacionar com a aluna surda.

As aulas eram traduzidas em tempo real, ou seja simultaneamente, nenhum tipo de adaptação ou planejamento prévio era realizado individualmente para a aluna, como também não aconteciam atividades de inteiração dela com seus pares, apenas duas colegas da turma procuravam interagir em alguns momentos com ela.

Durante todo o curso, vivenciei experiências positivas como também muitas frustrações, haja visto que o objetivo da aluna era realmente entrar em uma sala de





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

aula e se sentir uma professora, uma vez que por portar um diploma ela sonhava com o dia em que poderia exercer a sua profissão, e enquanto sua interprete eu percebia as barreiras impostas para que ela alcançasse de fato o seu objetivo.

Passei a perceber no decorrer das disciplinas que os professores não conseguiam dialogar com ela, eles demonstravam desconforto e falta de preparo para a situação vivenciada naquele ano. Da mesma forma, que os professores tinham dificuldade de ensinar o conteúdo, também tinham em avaliar os trabalhos e atividades que ela desenvolvia.

Durante as aulas a aluna parecia deslocada, como se não se encaixasse naquele lugar e com aquelas pessoas, quando os alunos riam ou conversavam entre elas, ela desconfiava ser o motivo dos risos, vindo a me perguntar se os colegas estavam rindo ou falando dela, talvez porque os alunos não se aproximavam, pelo fato de não conseguirem se comunicar.

Um dos momentos que a aluna mais demonstrava felicidade, era durante os seminários, parecia que nesse momento ela se sentia inserida naquele contexto, eu sentia a motivação dela ao apresentar um trabalho para a turma, naquele momento ela se expressava com ênfase e alegria, se sentindo importante quando era aplaudida pelos seus colegas.

Enfim, finalizando o curso, chegou o tão sonhado momento do estágio supervisionado, o momento em que a aluna com surdez iria ter o contato com os alunos, onde ela seria a protagonista da sua história, porém o estágio foi realizado em trio, duas colegas com qual tinha mais afinidades se propuseram em trabalhar com ela. Durante o estágio ela encontrou o seu último obstáculo dentro do curso.

O estágio foi realizado em um Centro de Educação Infantil com crianças ouvintes, que não compreendiam o motivo da professora se comunicar por meio de gestos. A fim de que os alunos fossem se familiarizando com a nova experiência, as colegas combinaram entre elas da aluna com surdez ser a última a desenvolver a regência.

Durante a regência os alunos já estavam mais habituados a nova situação, tornando a aula mais tranquila, sobretudo quando os alunos tentavam se comunicar com ela e eles não tinham resposta, procuravam as outras estagiárias e ela se



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

sentia incomodada, chamando a atenção das crianças, deixando claro para eles que naquele momento ela era a professora.

Nesse sentido, pude observar as dificuldades de várias ordens enfrentadas pela pessoa com deficiência auditiva, a desvalorização da sua capacidade intelectual, a rotulação que permeia o contexto escolar e a falta de preparo do sistema de ensino para de fato incluir e garantir o aprendizado.

Em contra partida, a aluna supracitada foi contra o sistema excludente. Tendo em vista que mesmo diante de todas as barreiras impostas ela concluiu tanto a faculdade de pedagogia e o curso Normal Médio, e atualmente está cursando outra graduação.

Após formada, ela foi contratada pela Secretaria Municipal de Educação do Município para trabalhar no núcleo da Educação especial, para auxiliar as técnicas do núcleo e duas vezes por semana ministrava um curso básico de libras para professores da rede municipal e familiares de crianças com deficiência auditiva.

Atualmente, atua como professora de apoio de uma aluna com surdez no primeiro ano do ensino fundamental da escola regular, onde eu sou a professora titular da turma.

Diante do desafio enfrentado por ser uma professora de apoio com surdez, juntas enfrentamos cotidianamente as barreiras sociais impostas no sistema de ensino. É importante destacar a persistência dela em atuar na docência dentro de um processo marcado historicamente por segregar as pessoas com deficiência.

Se por um lado a aluna com surdez e a professora de apoio também com surdez estão incluídas em uma sala comum do ensino regular, do outro lado percebo que muitas dificuldades ainda estão sendo enfrentadas para que a inclusão escolar realmente aconteça.

Observo diariamente, que por estarmos em um processo de alfabetização, eu enquanto professora, ao falar e fazer os sons, desenvolvendo com a turma o sistema fonético, a professora de apoio com surdez acaba não conseguindo passar para a aluna o que estou falando.

Nesse contexto, a minha intervenção é explicar para a professora de apoio as músicas e os textos que estão sendo trabalhados em sala, propus a ela no início desse ano letivo que fizéssemos um caderno semelhante a um dicionário, com



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

imagens e sinais, juntamente com a palavra em português e a datilologia em libras, também estamos incluindo vários recursos para estar potencializando a escolarização da aluna com surdez.

Partindo do princípio da experiência que já vivenciei durante a minha trajetória, procuro estar incluindo professora de apoio e aluna no processo de ensino aprendizagem, planejando momentos de inteiração da aluna com os seus pares, formando duplas de crianças que já conseguem se comunicar com elas por meio da língua de sinais.

Na rotina da sala já está combinado um momento para a professora de apoio ensinar para toda a turma: o alfabeto, os números, as cores e outros sinais do nosso cotidiano em libras, para que todos consigam se comunicar com a aluna e a professora de apoio.

De acordo com essa experiência, observo que o sistema de ensino e a cultura escolar ainda precisam evoluir muito para realmente incluirmos todos no contexto da educação regular, faltam investimentos na formação e na estrutura escolar para avançarmos. Porém concluo, acreditando que estamos progredindo nesse caminho.

Ao avaliar a minha prática nesse relato, posso constatar que mesmo diante dos desafios enfrentados por mim e pela professora de apoio com surdez, desde a sua formação até a sua prática, estamos construindo juntas novas possibilidades que potencializam o processo de inclusão escolar. Espero que futuramente, esse relato venha colaborar com a ação docente de outros profissionais no desafio de desenvolver práticas pedagógicas inclusivas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário oficial da união*, 23 dez.2005.

